

ção do assunto, com a maior boa vontade; entretanto, o perturbador de Isolina queixa-se amargamente do assédio que experimenta, na esfera em que se encontra. Declara-se perseguido, atormentado por ela. Não tem paz, nem rumo certo. A mente da jóven, com o seu grande poder magnético, requisita-o em toda parte. O pobrezinho não consegue progredir, nem furtar-se ao ambiente de inquietação a que ela o sujeita. Se ao vosso olhar permanece a nossa amiga assediada, á nossa vista surge o infeliz Juliano em terrível desespérado do coração, como quem se sente prisioneiro de garras inflexíveis. Diante do que observamos, o verdadeiro obsessor é a médium obstinada. A vigorosa potencialidade magnética de Isolina é a gaiola, e Juliano o passaro cativo. E' preciso restabelecer o equilíbrio da verdadeira situação. Tanto existem perseguidores na esfera invisível, quanto nos círculos de vossa atividade comum. Aclarai o proprio espírito, amigos meus. Expulsemos a sombra de nossa região interior. Desincarnados e incarnados não significamos duas grandes raças diferentes e irreconciliáveis. Todos somos semelhantes na vida eterna, com as mesmas possibilidades, deveres e obrigações. Nos dramas pungentes dos obsidiados, lembrai que, se na justiça humana não ocorrem processos absolutamente iguais nos detalhes, no resgate divino cada situação apresenta característicos diferentes. Guardai o brilho do cristal e refletireis a luz na sua pureza; retende o mel do bem e as abelhas da sabedoria cercar-vos-ão as pétalas interiores!...

Melanio calara-se enquanto a assembléia chorava comovida. O bondoso Araujo agradeceu com lagrimas de alegria:

— Obrigado, meu irmão!

O mensageiro orou ainda, emocionadamente, e declarou ao despedir-se:

— Em vista do que observamos, queridos companheiros, não bastará espantar as moscas do mal. E' indispensável, antes de tudo, curar as feridas da imperfeição.

A CONSELHEIRA INVIGILANTE

A' frente da amiga alarmada, Dona Deodata Chagas prosseguia aconselhando:

— Não devés proceder levianamente. E' necessário aprender a tolerancia, minha irmã. Ignoras, acaso, os principios da nossa consoladora doutrina? Quantas criaturas se perdem diariamente, por ignorancia das verdades que Jesus nos confia?

— Mas — perguntava a intepelada timidamente — e meu martirio doméstico? Será justo suportar a perseguição de pessoas sem conciencia? Meu marido parece olvidar comezinhas deveres do homem de bem.

— E porque não perdoar o pobrezinho? — atalhava a outra, firme e resoluta. — Não dês ouvidos a intrigas, nem te detenhas na observação do mal, ainda mesmo quando se positivem as tuas desconfianças. Lembra o perdão evangelico, minha boa Cacilda. Esquece a infelicidade dos espíritos inferiores que te não podem compreender. Além disto, convém não esquecer que o ciúme é o monstro insaciável. Foge-lhe ás garras enquanto é tempo. Afinal de contas, a esposa e mãe precisa fortaleza e serenidade.

A ouvinte enxugava o pranto copioso, mostrava-se mais calma e despedia-se resignada, recebendo novos apelos da amiga solícita.

Deodata Chagas era sempre assim. Dona de maravilhosos recursos verbais, tinha imensa facilidade para dar conselhos. Ninguem conseguia ausentar-se de sua porta, sem um punhado de exortações.

Era interessante observar, porém, que seu espirito se revelava sumamente despreocupado do proprio lar. Os filhos menores viviam habitualmente á gandaia, sem qualquer expressão de vigilancia materna. A progenitora nunca examinou o problema dos seus costumes, conversações e companhias. O espôso, Edmundo Chagas, homem do comércio, chegava á casa a horas determinadas, durante o dia; mas, não raro, ao almoço, Dona Deodata permanecia na sala de visitas a esboçar orientações para as amigas desesperadas.

— Germana, não posso comprehender-te a exaltação descabida. Não te deixes dominar tanto assim.

— E os filhos, Deodata? — inqueria Dona Germana, olhos inchados de chorar. — São eles o motivo de meus sofrimentos invariaveis. Nos tempos de hoje, rarissimos consideram deveres, poucos se dispõem a obedecer.

— Entendo-te — replicava a conselheira, revelando forte interesse — entretanto, é imprescindivel renovar energias proprias. Ninguem se entregará á dor sem prejuizos graves. Reanima-te! Que é isto?

Enquanto a amiga soluçava, prosseguia traçando diretrizes, demonstrando valor e superioridade:

— E a fé? Onde colocaste os ensinamentos recebidos?

O chefe da casa, após consultar a mesa deserta, onde se não reconhecia o minimo sinal de almoço, observava, neurastenico, o colóquio amistoso da sala, enterava o chapéu na cabeça e voltava á rua, encaminhando-se á pensão da esquina próxima.

Sómente muito depois, erguia-se Deodata por atender ás crianças famintas.

A' noite, frequentemente, de regresso ao lar, ansioso de aconchego doméstico, o chefe da familia encontrava a mesma cena, embora a modificação de personagens

A espôsa continuava aconselhando:

— Dona Lisota, a vida pede a sua comprehensão e boa vontade. Desaprovo a sua atitude de inconformação aos designios do Eterno.

Dessa vez, era uma velhinha de cabelos brancos que considerava chorando:

— Nunca esperei, no entanto, por isto... meu unico amigo morreu. Os filhos desprezaram-me, os parentes relegaram-me ao abandono!...

— Todavia — exclamava Deodata, sempre disposta a ensinar — é preciso revelar coragem na luta. Guarde intacta a sua confiança em Deus. Tenha fé. E' indispensavel atender á vontade superior e não á nossa. Presentemente, não posso concordar com seu modo de agir.

Enquanto a anciã fazia o possivel por levantar-se do abatimento doloroso, a conselheira rematava:

— E a fé, minha amiga? Onde coloca você tão imenso tesouro? Já pensou nisto? O crente não deve respirar outra atmosfera que não seja a do otimismo sadio e franco.

Edmundo relanceava o olhar pelo interior, reconhecendo a inutilidade de qualquer chamamento afetivo. A companheira tomara o hábito de aconselhar, qual se fôra venenoso excesso do espirito, tal a insistencia com que desejava regenerar pessoas, reavivar as fôrças alheias, consertar o mundo, enfim. Muitas vezes, tentara arranca-la de semelhante situação, mas todo esforço redundara inutil. Mergulhado em amargas reflexões, Edmundo percebia que os rapazes se entregavam a terríveis disputas na copa e, desanimado, entristecido, tornava á rua sem esperança. Aos poucos, adquiriu o costume de beber, cousa quen unca lhe ocorrerá em tempo algum. Sem fôrças para corrigir o desentendimento da companheira, sufocava no copo as desditas do coração.

Dona Deodata parecia não perceber o curso dos acontecimentos e mantinha a mesma atitude mental.

Almas desesperadas, ociosas e viciosas, batiam-lhe á porta em onda crescente.

— Porque tão grandes demonstrações de amargura? — exclamava para a inquieta visitante de bairro longinquio. — Não posso justificar o teu desânimo.

A interpelada, revelando os profundos padecimentos que lhe roiam a alma, observava aflita.

— Quando o marido nos abandona, tudo parece escuro em nossos caminhos. A senhora é feliz, Dona Deodata. Nunca experimentou sofrimento igual a este. Não posso conformar-me com a separação!...

— É preciso, porém, perdoar e ser forte — interpuña a conselheira, imperturbável — estamos neste mundo para testemunhar espiritualidade na procura de Deus. Pareces demasiadamente enfraquecida no trabalho comum. Levanta o ânimo. Resiste! Não te deixes levar por arremedos de tempestade.

Despedia-se a infeliz, reconhecidamente.

Chegou, entretanto, o momento em que Deodata Chagas deveria tomar conhecimento da sua própria situação. Depois de alguns dias, nos quais supunha o marido em viagem de serviço, veiu a saber que Edmundo montara nova casa em bairro distante. O álcool trouxera-lhe o olvido de obrigações sagradas. O bar incumbira-se de conduzi-lo a relações diferentes, e com a embriaguez dos sentidos, veiu a embriaguez dos sentimentos.

* * * A senhora Chagas, contudo, sempre eficiente na orientação dos outros, recebeu a notícia sem ocultar a máguia imensa. Aquela alma tão forte e tão clara, que sabia traçar os caminhos alheios, semelhava-se agora a um lago turvo, face às pedras da tempestade e às rajadas do vento. Humilhada, chorosa, procurou os filhos por torna-los partícipes da sua profunda revolta; entretanto, encontrou neles as mais ásperas observações. Alguns estavam dispostos a seguir, sem hesitação, para a nova casa paterna. Inconformada, a pobre senhora buscou os recursos da justiça do mundo, mas, a cada passo encontrava a ironia, o desprezo, o desconhecimento deliberado de sua dor.

Incapaz de manter a resistência necessária, surda agora aos apelos que as amigas lhe traziam ao espírito desalentado, Deodata recolheu-se ao leito, dominada de

traumatismo singular, que lhe envenenou o organismo para sempre.

Depois de três anos de reclusão, entre meditações e lagrimas, voltou novamente ao plano espiritual. Com surpresa, todavia, experimentava o mesmo abatimento e desolação. Embora atendida por generosos enfermeiros da esfera invisível aos olhos mortais, a desincarnada, por muito tempo, permaneceu enliada no fundo obscuro de suas impressões de amargura e revolta íntima. Chegou, porém, o instante em que conseguiu lobrigar o vulto de um daqueles emissários do bem, que lhe balsamizavam o coração. Extenuada de angústia no conflito consigo mesma, a pobre criatura ajoelhou-se e rogou ansiosa:

— Oh! mensageiro de Deus, explicai-me por piedade a razão de minhas enormes desditas. Sinto-me cansada, oprimida... Porque a dolorosa tragedia que me destruiu o destino cheio de esperanças?

O benfeitor contemplou-a com expressão fraternal e elucidou amorosamente:

— O drama infeliz da tua última experiência na Terra é o das almas que transportam a luz por fóra do coração. Os que ensinam sem aprender e aconselham sem praticar, são também filhos pródigos na Casa do Pai. Dissipam tesouros espirituais sem cogitar das necessidades próprias e acordam, mais cedo ou mais tarde, com a miseria e o desconforto.

Deodata comprehendeu o alcance profundo daquelas palavras, mas, desejosa de lavar a culpa, objetou:

— Será, então, êrro grave ensinar o caminho aos outros? E Jesus? Não trabalhou o Mestre no mundo por traçar diretrizes ao homem sofredor?

O amigo espiritual contemplou-a afetuosamente e respondeu:

— Jesus indicou a estrada e seguiu-a; pregou a fé e viveu-a; induziu discípulos e companheiros à coragem e demonstrou-a em si mesmo; difundiu a lição do amor, entregando-se amorosamente a cada um, expôs a necessidade do sacrifício pessoal e sacrificou-se; exaltou a

beleza do verbo dar e deu sem recompensa; engrandeceu a confiança no Pai e foi fiél até o fim.

A esposa de Edmundo estava perplexa. E, quando se esforçou por emitir observação nova, o sábio instrutor sorriu carinhosamente e concluiu:

— Renova o padrão de esperança em Jesus Cristo e não argumentes com a verdade. O campo continua repleto de trabalhos e continuamos ricos de possibilidades. Realmente, não constitue êrro o indicar o caminho ao que se desviou, porque o benefício é sempre um tesouro para quem o recebe com sabedoria; mas, quanto a nós mesmos, é sempre perigoso aconselhar aos outros antes de haver aconselhado a nós próprios.

PROSELITISMO DE ARRASTAMENTO

Virgulino Rocha era médium de qualidades apreciáveis no serviço do bem, no entanto, não conseguia furtar-se á preocupação de insistir com os amigos para que lhe seguissem os passos na interpretação religiosa.

Na oficina do ganha-pão, era trabalhador corretíssimo, considerando o caráter sagrado de suas responsabilidades e obrigações, mas na vida comum, discutia a mais não poder, no intuito de intensificar o proselitismo. Quando surgiam conhecimentos novos, nas atividades diárias, revelava imediatamente a posição extremista. Tratava-se de alguém com opinião igual a dele, em matéria de fé? Estava disposto a todos os favores. Caso contrario, porém, Virgulino se retraía. Não odiava, mas também não dispensava ás novas relações o menor interesse fraternal. Em se aproximando de alguém estranho aos seus pontos de vista, deixava-se dominar firmemente pelo espírito de discussão e disputa. Nesse capítulo, não esclarecia, nem convidava. Preferia arrastar. Em vão os amigos espirituais ofereciam-lhe novas diretrizes. Por vezes, contra todas as suas expectativas, o orientador invisível tomava-lhe a mão e escrevia sem rebuços:

— Virgulino, meu amigo, cada arvore tem condições diferentes para produzir. No que se refere á fé religiosa, procede á maneira do agricultor inteligente. Fornece adubos, protege as plantas tenras, não olvides a irrigação, mas não exijas fruto antes da época adequada. Será justo insistirmos pela obtenção de pésse-